

# “No dia em que deixar de haver cultura deixamos de existir enquanto povo”

O futuro da Cultura dos Açores esteve em debate na última sessão do Clube de História, promovido pela Fundação Sousa d'Oliveira.

Os oradores convidados foram Alexandre Pascoal, Nélia Alves-Guimarães e Pedro Gomes e o cenário traçado no encontro foi positivo, com a ressalva de que o investimento na área cultural tem de continuar a existir, com os apoios públicos.

Antes de definir o futuro da Cultura na Região, houve tempo para reflectir sobre o cenário actual da área, no que concerne o que se tem feito e produzido pelos Açores. Para Alexandre Pascoal, Presidente do Conselho de Administração do Teatro Micaelense, apesar de “sermos pequenos, estamos parecidos ao resto do país”. “Existem diferentes realidades nos Açores e é importante termos consciência disso. Os Açores são uma Região ligada a grandes vultos. A produção e actividade cultural são intensas. E esta assenta-se numa raiz popular, apesar de haver vultos que têm dimensão até internacional”, salientou.

“Não podemos perder esse foco”, continuou, reforçando a necessidade de “termos de ter consciência do nosso lugar no mundo. E não somos melhores nem piores, somos diferentes. E essa consciência de local tem de estar presente”.

Alexandre Pascoal frisa ser “um perigo” a visão de que “a cultura tem de ser sustentável e rentável”. “Existem áreas culturais que não podem ser mensuráveis desta forma. Existem coisas que não são rentáveis nem aqui, nem em Nova Iorque”, apontou.

Na questão da actividade cultural das autarquias, Nélia Alves-Guimarães, vereadora da cultura no município de Vila Franca do Campo, disse que a cultura muitas das vezes perde algum apoio, pois existem outras áreas onde questões mais básicas e prioritárias dos cidadãos são mais importantes. E como os orçamentos são limitados, essa gestão tem sempre em conta



as necessidades dos municípios em primeiro lugar.

A responsável sublinhou, no entanto, que a cultura tem de estar “lado a lado” com a educação e a autarquia vilafranquense tem vindo a apoiar iniciativas nesse cariz. “Desde pequenos é que se tem de incutir esse gosto pela cultura, seja no estímulo à leitura, seja na música. O importante é aproximar a cultura às famílias”, disse. Nélia Alves-Guimarães acrescentou ainda que “muito se tem feito e a diversidade cultural cresceu bastante”.

Por seu turno, o advogado Pedro Gomes defendeu que “fazer cultura é defender a nossa identidade, enquanto povo açoriano”. Esta identidade e tradições tem vindo a acompanhar as mudanças, onde citou Machado Pires, “o traço mais marcante da nossa açorianidade é a geografia”. E at essa geografia que “nos impõe limitações tem de ser pensada e analisada”, afirmou.

O orador acrescentou que “só investimos 0,3% do nosso PIB em cultura. Enquan-

to o valor nacional é de 0,8%. Já a média europeia é de 1%”.

Pedro Gomes salientou ainda que muitos dos eventos culturais na Região “não chegam ao exterior”, destacando a actividade editorial em que, “tirando alguns certames em que a Região de representa, os autores não são conhecidos, nem comercializados em território nacional”.

Na sessão, o Alexandre Pascoal afirmou ainda que “agora é hora de apoiar os artistas locais, criar meios para estes se fixarem na Região, investir e apoiar em novos conteúdos culturais, dado que a época dos apoios à criação de infraestruturas terminou”. E o projecto ‘Arquipélago’ marca o fim de deste investimento.

Sobre o futuro do sector, Pascoal realçou que os “apoios existentes a nível nacional, até 2018, excluía os nossos projectos regionais e esta realidade não deve ser ignorada”, defendendo que “os apoios são importantes para o futuro e para solidificação do tecido artístico da região”.

“Existem pessoas que saíram e adquiriram conhecimento, gostavam de voltar à região. Actualmente é possível viver e criar na Região e para fora. E quando existe esta vontade e potencial tem de haver apoios à criação artística e à fixação desses artistas”, afirmou no encontro.

Já a vereadora Nélia Alves-Guimarães afirma que a Região está “no bom caminho, pois existem as bases. Há infraestruturas e agora tem de se trabalhar em conjunto com boas sinergias/parcerias”.

Pedro Gomes concluiu, questionando: “a pergunta é se a cultura tem futuro, mas eu devolvo a pergunta nestes termos: o povo açoriano tem futuro?” E respondeu: “Claro que tem futuro. Enquanto existirmos como povo açoriano, é claro que a Cultura tem futuro”. Para o orador, a área poderá sofrer “com as troikas do futuro e limitações orçamentais, mas vamos descobrir outros públicos para outras criações culturais. (...) No dia em que deixar de haver cultura deixamos de existir enquanto povo”.

## BE questiona Governo sobre discriminação de género nos apoios ao desporto

O Bloco de Esquerda quer ter acesso aos dados em que o Governo Regional se baseia para definir a atribuição de apoios às equipas regionais pela utilização da palavra “Açores” em eventos desportivos, e que, no entender do Bloco de Esquerda, resultam numa clara discriminação para as equipas do desporto feminino.

Em causa estão dados referentes à avaliação dos impactos mediáticos do ‘share’ das transmissões televisivas de eventos em que participam equipas dos Açores, e a análise relativa ao impacto financeiro para a Região dos apoios concedidos a equipas desportivas no âmbito da utilização da palavra “Açores”.

No passado mês de Março, o Secretário Regional Adjunto da Presidência para os Assuntos Parlamentares assumiu, no Parlamento, que o Governo iria fazer uma “avaliação dos impactos mediáticos,

do ‘share’ das transmissões televisivas” dos jogos das equipas dos Açores e uma análise “dos retornos do impacto financeiro para a Região dos apoios concedidos”.

No seguimento destas declarações, os deputados do BE pedem agora ao Governo o acesso a estes dados, e querem saber quando e a que entidades foram encomendadas estas avaliações.

O Bloco de Esquerda considera que existe uma desigualdade de género gritante nos apoios ao desporto e, no passado, o deputado Paulo Mendes apontou mesmo, como exemplo, o caso das equipas de basquetebol do União Sportiva – equipa feminina – e do Lusitânia – equipa masculina –, que estando em níveis competitivos equivalentes recebem apoios muito diferentes: a equipa feminina recebeu 38 mil euros, enquanto a masculina recebeu 126 mil euros.

